

XXIX Encontro Anual da ANPOCS
25 a 29 de outubro de 2005

GT: Gênero na contemporaneidade

De Simmel aos *weblogs*: Cultura Feminina na Internet

Adriana Andrade Braga

São Leopoldo, inverno de 2005.

De Simmel aos *weblogs*: Cultura Feminina na Internet¹

Adriana Braga²

Introdução

No campo dos estudos de gênero que se dedicam à mulher e sua condição, duas posições podem ser identificadas: pesquisas que se dedicam a denunciar a desigualdade entre os gêneros, e as modalidades simbólicas da dominação masculina (Caldas-Coulthard, 1994, Wolf, 1992); e aquelas que centram-se no reconhecimento dos avanços nas relações entre os gêneros, seja na legislação, na mídia, na sociedade civil (Buitoni, 1990, Andrade, 2004). A considerar esse cenário social em que coexistem avanços e desigualdades, me chama a atenção um grupo em particular, pertencente a uma “elite” feminina (educada, beneficiária das conquistas dos movimentos feministas realizados nas últimas décadas), um grupo ainda restrito, mas que tende a crescer na medida em que são aplicadas políticas e programas de educação em todos os níveis, de inclusão digital, etc. Sendo assim, este estudo se dedica a tentar compreender os modos da ocupação feminina nos territórios sociais conquistados, configurando ambientes de interação. Em particular, me interessa o uso que as participantes desse grupo fazem do aparato técnico fornecido pelo computador pessoal ligado à WWW, os modos de apropriação por esse grupo do novo ambiente social disponibilizado pela Internet, o modo como interagem com as tecnologias de comunicação recentes. Nesse sentido, apresento três modalidades de interação e comportamento nesse espaço social, espaço público contemporâneo.

A problemática que norteia esta reflexão parte da compreensão do *weblog*,³ fenômeno mediático expressivo surgido na última década, como um ambiente específico possibilitado pelo suporte técnico e seus usos, que originam modalidades

¹ Trabalho apresentado ao GT 19 – Gênero na Contemporaneidade, do XXIX Encontro Anual da ANPOCS.

² Doutoranda em Ciências da Comunicação, financiada pela agência CAPES. E-mail: adrianabraga1@yahoo.com.br

³ Os *weblogs* se caracterizam como uma espécie de *website* pessoal, onde o/a autor/a disponibiliza um conteúdo marcado por seu estilo pessoal na forma de um “diário”, atualizado constantemente. Os conteúdos têm a forma de *posts*: textos breves, datados, relatando experiências na primeira pessoa. Existem *weblogs* tratando de assuntos os mais variados, desde ficcionais, informativos, até os mais comuns no estilo “diário”. A maioria dos *weblogs* disponibiliza um Livro de Visitas (LV) através de um *link*, espaço de interação, onde os/as visitantes podem deixar seus comentários, criticar, interagir com o/a blogueiro/a e com os/as demais visitantes.

interacionais peculiares. Nesse sentido, este estudo se inscreve em uma abordagem da ecologia dos *media*, dedicando-se a pensar aspectos da relação complexa entre subjetividade, interação e identidades no contexto da comunicação mediática contemporânea.

O termo ecologia dos *media* (*media ecology*) foi originalmente definido por Neil Postman em 1970 (*apud* Strate, 2003, p. 19) como “o estudo dos *media* como ambientes”.⁴ Ong (2002) destaca que Ecologia é um termo relativamente novo, incluído somente na edição de 1989 do *Oxford English Dictionary*. Desde então, incontáveis livros e artigos trazem o termo em seus títulos no sentido de expressar a preocupação com as relações entre todas as coisas, apesar deste não ser exatamente um interesse novo (Ong, 2002).⁵ Entretanto, com a explosão de informação que marca a época atual, há maior consciência das inter-relações de todas as coisas da vida e das estruturas do mundo em torno de nós, possibilitando o estabelecimento de relações precisas e elaboradas entre realidades e particularidades específicas com outras realidades no universo e ambientes humanos. Nesse sentido, Ong aponta para algumas atualizações a ser realizada pela perspectiva ecológica, entre elas a necessidade do pensamento feminista fazer conexões entre várias coisas às quais os seres humanos estão conscientes hoje e que o pensamento hegemônico masculino tem negligenciado (Ong, 2002, p. 8). Esse autor considera que, dado o intensivo e detalhado conhecimento atual do universo interconectado e sua história evolutiva, vivemos no que poderia ser chamado de “era ecológica”. Logan (2002) localiza o início da perspectiva ecológica dos *media* às acepções McLuhanianas, pioneiras na preocupação com o papel dinâmico dos *media* e da tecnologia nos ambientes econômico, político, social e cultural. Nesse sentido, a perspectiva ecológica dos *media* agrega como aspectos da comunicação os estudos dos *media*, da tecnologia e da linguagem, e a interação entre esses três domínios, entendidos como um ecossistema (Logan, 2002).

Assim, tomo como ponto de partida a noção de cultura feminina, entendida como o conjunto das definições sociais acerca da feminilidade, dos papéis sociais relativos à mulher e à condição feminina, bem como os posicionamentos dos membros da sociedade acerca destas formas culturais. É evidente que, em uma sociedade complexa, vários outros fatores intervêm na cultura feminina, como classe social, grau de escolaridade, faixa etária ou dispersão demográfica, conferindo características

⁴ Tradução pessoal. No original, “...the study of media as environments”.

⁵ Por exemplo, já em meados dos anos 1960, Gregory Bateson teorizava sobre a “ecologia do espírito” em *Steps to an Ecology of Mind*.

específicas para cada grupo social. Entretanto, perpassando todas essas variáveis, parece haver um núcleo relativamente estável de significados socialmente compartilhados em um nível mais amplo acerca do papel e dos atributos relativos à feminilidade. Este estudo se alinha com uma perspectiva semiótica da cultura, que a considera como o fluxo dos significados compartilhados pelos membros de uma dada sociedade, a “teia de significados” na qual se move o ser humano (como na perspectiva weberiana de Geertz, 1978). Neste ponto de vista, a cultura é concebida como processo dinâmico, constantemente atualizada nas interações sociais quotidianas, na perpétua negociação de significados a partir das relações inter-pessoais. Assim, a cultura feminina é elaborada em fluxo contínuo em conversas, telefonemas, *emails*, *chats*, *websites*, anedotas, reportagens, programas de televisão, entrevistas, livros, relações familiares, de trabalho, etc. Neste artigo, um aspecto particular deste vasto universo da cultura feminina me interessa destacar: a relação entre as mulheres e a tecnologia. Para tanto, escolheu-se como ponto de observação o contexto interacional estabelecido no ambiente do Livro de Visitas (LV) de um *weblog* específico, o *Mothern*. O título deste *weblog* resulta da contração entre as palavras *mother* + *modern*, deixando clara a relação entre os domínios da maternidade – tema por excelência da cultura feminina – e o contexto da modernidade. Assim, este *locus* de investigação⁶ apresenta um conjunto concentrado de variáveis diretamente pertinentes aos objetivos desta reflexão: feminidade/maternidade, modernidade e comunicação.

Ciber-Cultura Feminina

Se, na vida histórica de nossa espécie, temos o direito de ver produtos e valores que representam outra coisa que os indivíduos e encontram seu sentido em outra parte que não nestes últimos; se, portanto, podemos classificar os movimentos e as obras, as instituições e os pensamentos, conforme sirvam a uma soma definida de indivíduos e vivam para eles, ou, ao contrário, conforme digam algo além do bem-estar ou do mal-estar dos sujeitos, então o movimento das mulheres, ao que parece, recusa todo significado que ultrapasse as pessoas como tais, sua felicidade, sua formação, sua liberdade. Naturalmente, ele não visa indivíduos determinados, porque é à totalidade das mulheres que deve se abrir um estágio superior da existência. Neste caso porém, trata-se sempre de bens pessoais, mesmo se podem consistir numa nova dignidade ou em novos deveres. A luta se trava, pois, em favor de particulares, ainda que sejam milhões, e não em benefício de algo que superaria em si toda esfera individual ou pessoal. E por mais que a tônica seja os interesses da sociedade em seu conjunto (aprofundamento e aperfeiçoamento do casamento e da educação dos filhos com o

⁶ O conjunto dos dados para o projeto de investigação do qual esse artigo deriva inclui, além do conteúdo do *weblog* citado, material proveniente de entrevistas com informantes e da participação em encontros presenciais.

pleno desenvolvimento intelectual e a plena independência econômica das mulheres; seleção mais rigorosa dos melhores em todos os setores pela multiplicação das candidaturas), não vejo levantar-se em parte alguma a questão do valor cultural suprapessoal e supra-social desse movimento, a questão de suas energias propriamente criadoras, capazes de aumentar o fundo dos valores espirituais.
Georg Simmel, 1902.

Em 1902, quando escreveu seu artigo sobre a *Cultura Feminina*, Simmel considerava que o movimento das mulheres iria influenciar decisivamente o futuro da espécie humana, de modo mais radical que a própria questão operária. Entretanto, Simmel apontou uma problemática envolvendo o movimento feminino e seu significado cultural objetivo, que seria de que as mulheres ocupassem “as formas de existência e de prestação até então reservadas aos homens” (Simmel, 1993, p. 69). O autor questiona se essa ocupação terá como consequência uma produção qualitativamente diferente da produzida até então. Interessa se o terreno da cultura será ampliado a partir dessa produção ou se apenas copiado, duplicado.

Nitidamente influenciado pelas idéias disponíveis naquele contexto histórico do início do século XX, o autor parte de uma essencialização do ser feminino, que manteria, segundo essa concepção, uma unidade com a natureza. Nas mais diversas sociedades, os significados articulados ao “ser feminino” vinculam-no ao mundo da “natureza”, em uma larga medida pela apropriação cultural dos fenômenos específicos da corporeidade feminina – menstruação, gravidez, aleitamento. Sob essa óptica, estes fenômenos tornariam o corpo da mulher o *locus* por excelência da centralidade da identidade feminina, que ao ser relacionada à “natureza”, inscreve-se no rol dos territórios a serem conquistados pela “cultura”, pela “civilização”, dominados pela “razão” – domínio masculino. Essa idéia foi criticada severamente por algumas vertentes dos estudos feministas a partir dos anos 1960.⁷ Essas matrizes culturais arcaicas ainda hoje se atualizam: em nossa sociedade, diversos produtos dos *media* corroboram e sustentam uma lógica de subordinação desse grupo a partir do controle voluntário sobre os usos do corpo.⁸

Simmel não parece estar interessado em discutir a ontologia do ser feminino, se cultural ou biológica, mas as habilidades próprias – observáveis –, desenvolvidas historicamente pelas mulheres. Apesar de estar convencido de que as mulheres têm uma

⁷ Para uma posição emblemática nesse sentido, ver Ortner (1974).

⁸ Os *media* promovem, sob várias instâncias discursivas, elementos de identidade feminina – definida em termos de “auto-estima” ou “confiança” – a partir do manejo “adequado” da corporeidade. Para uma abordagem mais detalhada dessa atualização, ver Braga (2003).

natureza diferente e por isso necessitarem de ocupações específicas, ele acredita que no interior da cultura existente – masculina – elas acabariam tendo que optar entre abandonar a opção pelo trabalho ou abandonar o que elas são. Simmel reconhece que a única maneira de adquirir as bases, o material e a técnica para atender particularidades das mulheres é, preliminarmente, desfrutando da formação masculina, de seus direitos constituídos (1993, p. 87). Um século depois, o movimento feminino na sociedade continua precisando conquistar espaços: sua condição de grupo minoritário na sociedade frente à hegemonia masculina não foi essencialmente alterada. Nesse sentido, as frequentadoras do LV do *weblog* citado – objeto empírico desta reflexão – podem ser consideradas um exemplo atual de uma geração de mulheres a ocupar esse território tradicionalmente masculino, o mundo das máquinas e da tecnologia computacional.

A dominação masculina no incipiente contexto da Internet foi constatada por investigações realizadas ainda em meados da década de 1990, no início das atividades comunicacionais na rede. No artigo de Hugh Miller (1995) sobre a constituição e apresentação de *selves* eletrônicos, o autor apresenta algumas notas sobre diferenças de gênero no uso das *homepages*. A distinção que mais nos interessa é de origem quantitativa: Miller comenta a dissimetria significativa entre o número largamente superior de *homepages* pessoais produzidas por homens em relação às produzidas por mulheres. Sherry Turkle (1997), na investigação sobre comunidades de usuários de jogos do tipo MUD (Multi-User Domain), descreve o perfil de seus informantes como sendo jovens, pertencentes à classe média e de uma maioria quase absoluta do sexo masculino. Apesar de ainda se constatar uma ocupação predominantemente masculina, a perspectiva parece ser de substancial transformação.

Modernidade, Individualismo e Gênero

O período denominado “alta modernidade” ou “modernidade reflexiva”,⁹ segundo Beck (1997), apresenta duas tendências, uma macro e outra micro-social: no plano econômico, a globalização; no plano subjetivo, a individualização. É interessante

⁹ Descrito por Lucien Goldmann (1972) como uma terceira fase do capitalismo. Ele propõe uma periodização na história do capitalismo ocidental ao nível econômico, indicando suas correspondências filosóficas e literárias – a saber, capitalismo liberal (período até 1910, marcado pelo individualismo e pelo desaparecimento da idéia de totalidade); período imperialista ou do capitalismo em crise (1911 até a Segunda Guerra Mundial, quando os elementos individualistas não são mais centrados na razão ou na percepção, mas nas possibilidades e limites do indivíduo, que por sua vez perde importância econômica e social); e finalmente, a sociedade de consumo ou de massa (esta em que vivemos hoje, caracterizada pelo aparecimento de mecanismos conscientes de auto-regulação).

considerar que a ênfase na individualização como valor social em si não é, segundo Elias (1994), exclusividade da sociedade moderna européia, mas um princípio social fundamental presente na maioria das sociedades altamente diferenciadas. Para Elias, a consciência da individualidade como valor¹⁰ é resultante de um longo processo de aprendizagem social, difundido gradualmente no compasso histórico de cada sociedade, o que implica a luta por distinguir-se do que está dado, do previsto, do tradicional, a partir das próprias realizações. Assim, a tensão entre indivíduo e sociedade na alta modernidade passa pela relação de cada indivíduo com a tradição.

Neste sentido, é interessante destacar as inter-conexões entre modernidade e tradição, descritas por Giddens (1997). A dimensão de gênero no processo de modernização, segundo o autor, resultou na divisão clara de espaços masculinos e femininos no campo social, reiterando a masculinização do espaço público:

... a compulsividade da modernidade foi, desde suas origens, dividida por gênero. A compulsividade documentada por Weber em A ética protestante é aquela de um domínio público masculino. (...) Os modos tradicionais da diferença de gênero – e da dominação de gênero – foram ao mesmo tempo ativamente reforçados pelo desenvolvimento de tradições mais recentes, incluindo a emergência de um ethos de “domesticidade” feminina. (Giddens, 1997, p. 117)

Esta espécie de reiteração moderna da tradicional dominação masculina levou movimentos contra-hegemônicos como a revolução feminista a obterem seus principais avanços na ordem da vida privada, uma “sub-revolução”, nos termos de Beck (1997):

A sub-revolução das mulheres, que vai minando o sistema nervoso da ordem cotidiana da sociedade, apesar dos revezes, pode certamente proporcionar à sociedade uma face diferente. É necessário apenas arriscar essa experiência do pensamento: uma sociedade em que homens e mulheres fossem realmente iguais (não importa o que isso pudesse implicar nos detalhes), sem dúvida nenhuma, seria uma nova modernidade. (Beck, 1997, p. 40)

Dessa forma, frente ao pano de fundo do processo social denominado “alta modernidade” e sua complexa relação com a cultura feminina apresenta-se a angulação teórica relativa ao objeto proposto nesta reflexão. Mulheres jovens, mães, usuárias de Internet, se encontram, se associam, interagem e compartilham subjetividades, em um ambiente de sociabilidade.

¹⁰ Categoria próxima a que Louis Dumont (1985) denominou “valor-indivíduo”.

A cultura feminina, entendida como processo dinâmico, instável, em fluxo, registra modificações nas formas de controle e autoridade no interior da família, nos comportamentos, visões de mundo e valores morais ao longo das décadas. Mudanças conseqüentes do processo de industrialização, urbanização, acúmulo e distribuição social do conhecimento, e o impacto gerado pelas correntes feministas no processo de emancipação da mulher resultaram em uma reorganização da sexualidade feminina a partir do aparecimento da pílula anticoncepcional, relativização do poder das relações de parentesco e maior complementaridade de funções entre papéis de gênero. Todo esse processo provocou impacto sobre as subjetividades e fez surgir novas práticas sociais. Entre as alterações nas formas de organização da família, testemunhou-se durante as últimas décadas a implementação de uma proposta alternativa a uma visão tradicional de maternidade e a um conjunto de referências tidas como ultrapassadas, “uma opção diversa daquela que é facultada basicamente pela Medicina tradicional, pela Psicanálise clássica e pela herança de um sistema ‘tradicional’ de valores e comportamentos” (Almeida, 1987, p. 11).

Almeida (1987) constata através da observação de dois grupos de mães, das décadas de 1950 e 1980, uma predisposição do grupo mais jovem de se distanciar da ameaça de reprodução do modelo de maternidade de suas mães visando a conquista de padrões de atitudes vividos como modernos e libertadores face ao elenco de valores familiares percebidos como arcaicos e tradicionais.¹¹ A investigação procura captar linhas de continuidade e descontinuidade entre os dois universos simbólicos femininos. Entretanto, a autora constata que nessa sociedade, os índices evidentes de modernização acelerada ao longo das três décadas sob exame não corresponderam à modernização que se processou no âmbito das subjetividades, ou seja, não houve uma descontinuidade marcante de visões de mundo entre os dois grupos.

Para as frequentadoras do LV observado para este estudo ser “moderna” significa ruptura com os valores tradicionais, que desenham uma “mãe” que elas não se propõem a ser. É importante destacar aqui que não estou levando em conta se essas pessoas são ou não modernas “de fato”; para os fins deste estudo, o que é relevante é que elas se identificam com esse atributo, e que essa identificação as adscribe como objetos de investigação. Tal vinculação com a “modernidade”, entendida como ruptura com o

¹¹ Elisabeth Badinter (1985) realiza uma análise histórica sobre o amor materno na França entre os séculos XVIII e XX. A investigação relativiza a idéia de o sentimento materno ser um procedimento da “natureza feminina” a partir da observação da evolução das práticas e atitudes maternas ao longo dos séculos e assim demonstra que a própria noção de amor materno é variável conforme épocas, costumes e comportamentos.

“tradicional”, fica muito clara no comentário de uma frequentadora recém-chegada ao ambiente interacional, esclarecedor também do perfil das integrantes desse grupo. Abaixo, transcrevo o comentário na íntegra:¹²

Adorei conhecer a home Mothern, vivo grilada por não me encaixar nos parâmetros "normais" de nossa sociedade no quisito MÃE, principalmente porque minhas características, necessidades e estado de espírito são inconstantes, variam de acordo com o momento!!! (...) Às vezes não sei se os homens sentem medo (...) ou receio de "achar" que têm que assumir uma relação com "mãe solteira"... ridículo, mas eles são assim! Com certeza haverão novos comentários, parabéns pela iniciativa de um espaço tão interessante!

Em uma atitude de rejeição de um fundo coletivo herdado da tradição, a frequentadora assegura o caráter moderno de seu discurso. Quando ela afirma “não se encaixar nos parâmetros ‘normais’ de nossa sociedade no quisito (sic) MÃE”, está postulado aí que a categoria social “mãe” tem como referência uma série de comportamentos e sentimentos próprios, “adequados”, motivo para deixar a leitora “grilada” ao constatar que não corresponde a essas expectativas. O uso da expressão “mãe solteira” entre aspas, demonstra o reconhecimento de seu caráter pejorativo no campo social, ligado ao passado, a um tempo em que ser “mãe solteira” era sinônimo de desgraça, de abandono à própria sorte – estigma – a um modo tradicional de ser na sociedade ao qual a leitora, “moderna”, não reconhece nenhuma pertença. Um último ponto interessante de notar no discurso da leitora é que, embora ela rejeite desde o início uma possível tese essencialista e imutável, alheia às mudanças históricas e sociais com relação às categorias “mãe” (diretamente) e “mulher” (indiretamente), ela assume essa mesma postura de essencialização com relação aos homens, tratando a categoria de forma indistinta, como na frase “ridículo, mas eles são assim!”.

A nova frequentadora teve receptividade irrestrita no espaço interacional do *weblog*. Com uma resposta imediata, um frequentador do LV se manifestou: “...pode ter certeza que algumas mães que frequentam esse espaço também enfrentam o mesmo dilema.” Lidar com valores tradicionais, sendo moderno/a, é um “dilema” a ser “enfrentado” por essas mães “modernas”, segundo esse discurso. Mas tal dilema parece ser uma vicissitude recorrente fora do âmbito dessa interação, pois ali, “mães modernas” compartilham as negociações para essa conciliação.

¹² Os materiais retirados do LV foram mantidos em sua grafia original, sem correções. Os nomes foram trocados para preservar a privacidade das participantes.

Tecnologia e Gênero

Historicamente, nas mais diversas sociedades, o espaço da política, da discussão, do debate entre pares, tem sido tradicionalmente ocupado pelo gênero masculino. Às mulheres, é reservado o domínio privado, doméstico. Esse estado de coisas tem se deslocado na estrutura social contemporânea, principalmente desde meados do século passado, quando as mulheres, organizadas, começaram a questionar seu lugar subordinado a partir de movimentos sociais vultosos que permitiram avanços significativos em direção à emancipação. Não obstante, é possível observar que tal movimento encontra-se ainda em curso e distante do que poderíamos chamar de igualdade de condições.

Na tentativa de buscar uma contextualização sócio-histórica sobre a relação entre tecnologia e gênero, vale ressaltar que cada período histórico traz consigo uma configuração particular de tecnologia para ação sobre o mundo e, juntamente com essa tecnologia, uma distribuição social do poder sobre esse saber tecnológico – “poder/saber”, nos termos de Foucault (1983). Entre outros fatores, a distribuição do capital tecnológico pelo campo social se dá também em função de papéis de gênero: ainda existem tecnologias “masculinas” e tecnologias “femininas”, embora essas articulações de papel de gênero a determinadas tecnologias tenham passado por um processo de rápidas transformações no campo social.

Os exemplos são vários. O ramo da informática, instância que lida com tecnologias altamente desenvolvidas, é constituído por profissionais homens na sua grande maioria: são programadores, técnicos, consultores, *nerds* e *hackers*. As mulheres que dominam esses códigos e se estabelecem profissionalmente nesse ramo são raras e dificilmente poderiam ser categorizadas como tradicionais. Assim, cada tempo tem sua relação tecnológica com o mundo. No caso do mundo moderno, a mediação tecnológica da comunicação suscita novas formas de socialização. Giddens, nesse sentido, considera que...

...a modernidade é inseparável de sua “própria” mídia: os textos impressos e, em seguida, o sinal eletrônico. O desenvolvimento e expansão das instituições modernas está diretamente envolvido com o imenso aumento da mediação da experiência que essas formas de comunicação propiciaram (Giddens, 2002, p. 29).

Na modernidade, o estar atualizado com o desenvolvimento de tecnologias aplicadas à vida quotidiana representa um valor no campo social. Para a mulher, a familiaridade com os equipamentos significa agregação de valor simbólico às atividades que desenvolve, e ocupação de um território tradicionalmente ocupado por jovens e homens. O uso de tecnologias computacionais é cada vez mais presente no quotidiano doméstico e profissional das classes médias. O amplo acesso à Internet em locais de trabalho facilita uma estratégia de subversão do controle sobre o tempo do/a funcionário/a. Uma nova categoria de distração, uma atividade quase inseparável do trabalho, mas de outra ordem. Um clique que leva o/a usuário/a para outro lugar, uma nova prática social pertinente para conhecer o impacto desse *medium* na vida moderna. Sendo assim, o domínio das linguagens da comunicação mediada por computador (CMC) por mulheres pode ser visto como um domínio em que, pelo engajamento na atualização tecnológica, se relativiza a subordinação laboral e a dominação masculina: espaço de mulheres modernas.

A considerar a movimentação feminina pela estrutura social ao longo da história, mudanças substantivas foram registradas em pesquisas das mais diversas áreas, bem como podem ser observadas quotidianamente. Tudo se transforma rapidamente nas relações das mulheres com o trabalho, com os recursos tecnológicos, com o entorno sócio-cultural, mas uma coisa permanece constante: a mulher continua a ser, a querer ser, a querer não ser mãe. A maternidade, instituição remota e fundante da própria humanidade, continua na pauta e na prática das mulheres atuais. Na pauta de mulheres que utilizam o computador quotidianamente e fazem do acesso aos *weblogs* um espaço próprio, espaço de expressão.

O grupo em questão parece ser um caso emblemático contemporâneo, em que a tecnologia computacional participa como elemento ativo na comunicação quotidiana entre as participantes, oferecendo condições específicas para rearticulações de sentido que merecem nota.

Entretanto, a tematização da experiência materna entre mulheres no contexto atual pode ser facilmente ligada a uma atitude *démodé*, ligada a uma perspectiva tradicional da feminilidade, que se relaciona com a tríade marido-casa-filhos. Desta forma, na medida em que a maternidade como tópico de conversa parece ter perdido espaço no contexto social, a Internet parece surgir como local de encontro e tematização da maternidade, livre da conotação pejorativa, uma vez que se articula aos significados positivamente valorados da atualização tecnológica e participação na esfera pública.

Assim, o ambiente mediático-tecnológico desse *weblog*, a exemplo de muitos outros na rede, oferece a possibilidade de combinar essas duas perspectivas femininas, propondo uma solução para esse aparente paradoxo: ser materna e moderna ao mesmo tempo. Esse ponto fica bastante claro no exemplo abaixo, em que uma frequentadora ressalta o lugar social ocupado pelo ambiente do LV:

1062 - Eu acho que por aqui tem uma mulherada falando muito, em torno de um assunto importante mas que é 'as vezes até pretexto, e é muito feminino. Então, rola uma comunidade, uma história de amigas, de papo de mulheres de que a Bel tem falado lá no blog dela, e que eu acho interessante, que é o de que mulheres urbanas, hoje em dia, carecem do contato com outras mulheres, suas mães, irmãs, vizinhas etc e ficam com seus homens maravilhosos mas que não suprem toda essa ânsia de conversar e conversar e focar e falar bobagem e falar muito muito muito.

Desta maneira, o ambiente interacional possibilitado pelo *weblog* pode ser socialmente apropriado de muitas maneiras. Neste caso, resgatando uma prática social feminina que havia se tornado envelhecida, articulada a uma definição da conversa entre mulheres como assunto essencialmente fútil e desnecessário, enquadrado por uma ordem masculina. No mundo do trabalho, de onde a maioria do grupo observado acessa a Internet, a sociabilidade feminina – um epifenômeno das relações de trabalho *on-line* – encontra um lugar de expressão.

Sociabilidade no *weblog*

Aspectos da sociologia formal, teoria da sociedade desenvolvida ainda no final do século XIX por Georg Simmel, podem ser aplicados ao tipo específico de interação que ocorre no *weblog* em questão. A partir da noção de sociação, definida como o modo pelo qual os indivíduos se aproximam em núcleos de satisfação de seus interesses, Simmel (1983) considera que o conteúdo de uma sociação é o que está presente nos indivíduos, como impulso, interesse, estado psíquico, movimento que visa mediar influências sobre os outros. A partir de seus propósitos e das condições práticas, os indivíduos trabalham sua criatividade e sentimentos sobre os materiais da vida, conformando-os como elementos de usos específicos da vida de cada um. Entretanto, tais formas, autonomizadas, independentes de seus conteúdos originais, adquirem

fascínio exactamente por esta desvinculação: sociabilidade, forma autônoma, estética e lúdica da sociação (Simmel, 1983).

Os fenômenos reunidos na categoria de jogo parecem funcionar de forma similar. As necessidades, impulsos e forças reais produzem formas de comportamento adequadas ao jogo, formas puras que se autonomizam e que fornecem ao próprio jogo sua jocosidade e seu sentido simbólico, distinguindo-o assim da simples brincadeira.¹³ Sendo assim, a sociabilidade evita atritos com a realidade, de modo que os motivos da sociação, implicados na vida prática, não têm importância neste contexto interacional. Ponto semelhante é desenvolvido por Goffman (1998), para quem a maior parte da interação social quotidiana é possibilitada pelo engajamento comum e voluntário dos/as participantes no que ele chama de “consenso operacional” (1998, p. 19), uma espécie de concordância superficial, onde cada participante abstrai suas posições pessoais em prol de uma definição da situação compartilhada por todos:

A conservação desta concordância superficial é facilitada pelo fato de cada participante ocultar seus próprios desejos por trás de afirmações que apóiam valores aos quais todos os presentes se sentem obrigados a prestar falsa homenagem. (...) Os participantes, em conjunto, contribuem para uma única definição geral da situação, que implica não tanto num acordo real quanto às pretensões de qual pessoa, referentes a quais questões, serão temporariamente acatadas, haverá também um acordo real quanto à conveniência de se evitar um conflito aberto de definições da situação. Referir-me-ei a este nível de acordo como um “consenso operacional”. (Goffman, 1998, p. 18-19)

No caso específico do *weblog*, em que sejam guardadas as diferenças do tipo de interação face a face analisado por Goffman¹⁴, a dinâmica interacional entre as participantes aponta para a manutenção do consenso operacional deste ambiente de sociabilidade. A função reguladora da sociabilidade vai ser exercida pelo tacto, que através da cordialidade vai traçar os limites quando ocorrem excessos. Fica clara também a função fática da comunicação verbal no contexto do LV. Esta função da linguagem, originalmente definida por Malinowski, foi designada por Jakobson (1969) como um dos seis fatores que determinam as diferentes funções da linguagem. Para ele, o fator ligado à função fática é o contacto:

¹³ Para uma abordagem mais aprofundada sobre a noção de jogo, ver Huizinga (1971).

¹⁴ Em seus textos, Goffman deixa sempre claro o limite da ordem da interação: a presença física imediata entre dois ou mais participantes. Entretanto, acredito que a teorização desse autor possa ser cuidadosamente extrapolada de modo a incluir o tipo peculiar de interação social ocorrente nos *weblogs*.

Este pendor para o contato ou, na designação de Malinowski, para a função fática, pode ser evidenciado por uma troca profusa de fórmulas ritualizadas, por diálogos inteiros cujo único propósito é prolongar a comunicação. (Jakobson, 1969, p. 126)

Assim, a função fática opera basicamente como uma sustentadora da interação verbal, prolongando ou interrompendo a comunicação, permitindo verificar a atenção do interlocutor ao fluxo da conversação.

As/os participantes se apresentam equipadas/os apenas de sua humanidade, renunciando às “qualificações objetivas de sua personalidade”. Mas se um/a participante interage visando propósitos objetivos, um “limiar da sociabilidade” (Simmel, 1983, p. 171) é transposto, desfazendo o princípio formativo do grupo. Nesse sentido, é possível observar no LV, a partir de uma consciência tácita, uma disposição tolerante e amável por parte das freqüentadoras que poderia ser categorizada como reguladora dos limiares daquela sociabilidade.

A atividade comunicacional realizada nesse ambiente motivou várias freqüentadoras a criarem seus próprios *weblogs* tematizando a experiência pessoal de cada uma com a maternidade. Assim, durante os três anos de atividade, surgiram dezenas de outros *weblogs*, formando um circuito de interação *on-line* entre estas mulheres. Não obstante, é interessante notar que, apesar da atividade comunicacional ser facilitada pelo aparato tecnológico da rede, as freqüentadoras frequentemente promovem encontros presenciais. Esses encontros são agendados no contexto do LV, onde há referências também a telefonemas, *emails* e *messenger*, evidenciando um caráter complementar dos *media* coexistentes e disponíveis no cotidiano das freqüentadoras. Sendo assim, as CMC parecem não substituir os encontros face a face, mas participarem como mais um recurso técnico neste contexto de interação. A seguir, descrevo modalidades interacionais ocorrentes nesse ambiente, em uma tentativa de sistematização desse complexo fluxo comunicacional.

Interação comunicativa nos *weblogs*: três modalidades

A utilização do computador como suporte técnico por mulheres no estabelecimento de uma atividade comunicacional cotidiana, implica familiaridade com os equipamentos e atualização com o desenvolvimento de tecnologias avançadas: bens simbólicos que representam valor no campo social. Sendo assim, o domínio das

linguagens da CMC por mulheres pode ser visto como um domínio em que, pelo engajamento na atualização tecnológica, se relativiza a desvalorização social do conteúdo a ser tratado – no caso, a tematização da experiência materna –, que naquele ambiente passa a ser entendido como um espaço de mulheres modernas. Se na vida social o assunto feminino pode ser entendido como assunto menor, sem importância ou interesse, no ambiente proporcionado pela Internet essa articulação desaparece do universo simbólico das usuárias. O deslocamento do ambiente físico para o tecnológico fica claro no comentário de uma das blogueiras em uma entrevista concedida recentemente a uma revista: “Antes as mães se encontravam nas pracinhas, hoje em dia, na frente do computador, a nossa praça” (*Pais e Filhos* n. 422. Maio/2005).

A comunicação através da Internet tem suas características específicas e cumpre rituais próprios, ainda em formação, mas diferenciados daqueles seguidos nas relações face a face.

A chegada de um/a novo/a participante no ambiente interacional do LV geralmente é motivada pela aparição das blogueiras em um produto dos *media* impresso ou eletrônico, por indicação de amigas que já frequentam o LV ou, no início das atividades da *homepage*, de vários/as amigos/as e familiares na forma de congratulações e estímulo pela iniciativa. Nas mensagens deixadas nestas situações, é possível identificar padrões interacionais, tanto na entrada quanto no tipo de reação que essa entrada provoca.

Entre as frequentadoras habituais, a interação observada neste contexto parece aproximar-se do que a sociologia formal de Georg Simmel define como um ambiente de sociabilidade (Simmel, 1983). Entretanto, pontos críticos podem ser observados pela culminância de posicionamentos motivados pela entrada em cena de alguma participante ou de algum assunto mais polêmico levantado. As questões nestes casos geralmente remetem a assuntos respeitantes ao universo feminino. Numa mistura de descomprometimento lúdico e tratamento das questões em jogo, negociações de definições de realidade em torno do assunto em questão são propostas nesse contexto interacional, entendido pelas participantes como espaço de liberdade pessoal de expressão. Em um primeiro esforço de compreensão do fenômeno em análise, os dados apontam para três modalidades que destaco a seguir.

a) entrada em cena

O *weblog* em exame está em atividade há três anos, mantendo a ele associado o LV por igual período, onde participantes e freqüentadoras entram em cena a partir de um primeiro comentário em que se apresentam, e como retorno podem receber comentários de outras participantes. Os comentários deixados pela primeira vez no LV, na grande maioria dos casos, utilizam o elogio como senha de acesso ao ambiente interacional. A maternidade como tópico geralmente participa do conteúdo veiculado pela mensagem de apresentação, mas o elogio ainda é o principal recurso utilizado para a aceitação no grupo. São amigos/as, pessoas recomendadas por amigos/as, colegas de trabalho, parentes e desconhecidos/as que encontraram o endereço através de menções ao *weblog* em revistas, jornais, televisão ou outros sítios. A reação ao elogio é, invariavelmente, o acolhimento amável das blogueiras, como no exemplo abaixo, em que fica clara a sequência elogio-réplica de acolhimento, além de condensar em poucas linhas elementos centrais da definição do *weblog* e seu público.

726 – Marilene: Demaiiss!!!Tudo que eu sempre penso, tenho dúvidas, imagino, reclamo e choro está aqui. Nada como saber que vc não é a única que trabalha, tem filho, marido, cuida da casa, cai na balada, ama isso tudo e não abre mão de nenhuma parte. Tudo de bom! Marilene, quase quatro anos de experiência de mothern com a Isabel. (...)

728 – Lu: Ei, Marilene! Seja bem-vinda! A idéia do Mothern é essa mesma: vamos reunir nossa turma e dominar o mundo! O objetivo final é aprovar a lei que regulamenta a obrigatoriedade de berçário privativo c/ baby-siters treinadas em todos os eventos culturais e de entretenimento para públicos superiores a 30 pessoas. E nunca mais vamos ter que ouvir os comentários das amigas solteiras sobre a noite anterior: "menina, a balada tava tuuuuudo! Pena que não deu para você ir, né?!" Por mundo mothern-inclusivo! (Juro que não estou me candidatando a nada... Ainda! Hahaha!).

Em alguns casos, a entrada em cena se dá de outras formas, em que apresenta-se directamente uma demanda, dica, sugestão ou comentário genérico, o que tenho chamado de “não-elogio”, que em geral também é bem recebido, como no exemplo a seguir.

337 – Cristina: Oi ! Gostaria muito de saber o mail da Júlia! Sou de BH e pelo visto ela tb...tenho um baby de cinco meses q tá dando uma trabalhadeira danada e estou ficando desesperada! Gostaria de trocar umas idéias, please! Aguardo resposta. Obrigada

338 – Júlia: Cristina, meu e.mail é o xxx@xxx Fique 'a vontade para me escrever, mas se quiser falar do problema aqui no guestbook, pode ser até melhor, pois temos um supertime de leitoras-consultoras-palpiteiras-fodonas ;) Beijo.

Entretanto, às vezes, a entrada se dá de modo bastante turbulento, com críticas muitas vezes severas ao conteúdo tratado no LV. Nestes casos – pouco comuns – a reação das freqüentadoras é rápida e fulminante. Às críticas quanto aos conteúdos se

opõe a firme posição do LV como espaço de absoluta liberdade de expressão à disposição das frequentadoras, enquadrando as críticas como “patrulhamento” inaceitável. No exemplo abaixo, o mote do atrito foi o desprezo das frequentadoras ao modelo vestido por uma atriz conhecida em uma festa no Rio de Janeiro na qual uma delas esteve presente. Uma amiga da famosa atriz resolveu defendê-la entrando em cena nos seguintes termos, acompanhados de algumas réplicas:

1122 – Renata: Isso é uma espécie de sala de fofoca ou o q?Troquem telefones e nos poupem desse clima Caraslesbiangossipchic,ok?

ps:é feio dar nome e sobrenome...e logo uma gente boa como a Silvinha.Me poupem!!!

1123/4 – Chris: ahahahaha!Essa aí deve ter tomado Catuaba com Jurubeba Leão do Norte! Deve estar com um piriri arretado!

1125 – Renata: Eu não tô mal,não,juro q não!Minha TPM enfim se foi em forma de sangue e eu tô ótima,mas é q ficar falando dos outros...sei não...deixa a moça andar por aí de mini rosa e a outra surtar e o outro beber todas,não faz mal pra vcs não,não passa nem nada. beijos para todas

1130 – Feu: Ninguém tem que poupar ninguém de nada...a internet tá lotada de guestbooks, cada um procura o que lhe convém, ninguém é obrigado a vir aqui ler as nossas bobagens. Sônia, não, não, vc num tava ofendendo ninguém E vc não tava fofocando, nós estamos fofocando. Do vestido cafona da Silvia, do meu pé de drag queen e das maluquices da Chris. Do choro do Nuno, dos roncões do Gui, dos oponentes do Lula. Patrulha, a essa altura do campeonato, não, né??? Patrulham a gente em tudo qt é lugar e vão vir patrulhar aqui??

Então, deixa uma andar de vestido rosa, a outra dar pro marido da irmã e a gente fofocar, surtar, brincar, deixar o dia mais levinho em paz.

A gente tá amando a nossa sala, de fofoca, de enfermaria, de manicure, de spa, de terapia, seja lá do que for. Ela é isso tudo sim.

~Todo mundo que frequenta direto vem pq o dia fica mais gostoso, engraçado, tranquilo. Os prazos ficam menos apertados, os choros de manhã mais baixos, os cabelos mais domáveis, a pele melhor, a meia não corre o fio, o esmalte não faz bolha e a sogra tá uma calda de açúcar. Ninguém vem aqui pra sofrer, ou eu tou louca e vcs são todas umas masocas??? Tá sofrendo? Encontra um lugar onde não sofra, onde seja poupada das dores e do que vc considera ofensivo.

É interessante notar que, quando um atrito aberto como o do exemplo acima ocorre neste ambiente, a réplica das frequentadoras busca na definição deste ambiente comunicativo e público como espaço próprio e livre o argumento de rechaço à crítica recebida. Esse padrão defensivo pode ser observado em vários outros conflitos ocorrentes nesse mesmo ambiente, a exemplo de outros *weblogs*, geralmente definidos por seus blogueiros/as como local privado em que os “de casa” impõem as regras e os incomodados que se retirem.

b) conflitos

Eventualmente, o clima de amabilidade cotidiana deste ambiente interacional é abalado por dissensões entre as próprias frequentadoras em torno de posicionamentos díspares com relação a temas polêmicos. Nestes casos, geram-se longos desdobramentos em que posições são acirradas, indecisões são interpeladas, trocam-se acusações, participantes decidem se retirar ou são expulsas, enfim: dinâmica do conflito. A ocorrência desse tipo de situação não é a tônica do ambiente, mas vários incidentes puderam ser observados ao longo desses três anos de atividade do *weblog*. Como exemplo, destaco a seguir alguns comentários veiculados a propósito do conflito suscitado por uma frequentadora que solicitava opiniões sobre se deveria ou não praticar um aborto frente a uma gravidez indesejada.

8956 – Tati: Olás... estou escrevendo pq estou precisando de ajuda... como vcs sabem, estou grávida de quase 1 mês e meio, e vivendo todas as angústias, dúvidas e medos de uma "recém grávida".

Tenho 28 anos, sou publicitária, ainda batalhando pra conquistar minha independência e meu espaço. Moro com a minha mãe, e o meu namorado tb mora com os pais dele, e está desempregado.

Minha gravidez foi totalmente inesperada e nada planejada... sempre quis (e ainda quero mto) ter filhos, mas em uma outra situação... morando na minha casa, com o meu namorado ao menos trabalhando, enfim... ele não quer ter, diz q não é a hora. Minha família sabe e tá me dando a maior força, mas mesmo assim eu penso em mtas coisas: eu ainda nao tenho condições de morar sozinha, divido o quarto com o meu irmão, o pai do meu bebê tá desempregado... pra ser sincera, só o que eu penso é em não ter o bebê, mas tenho mto medo de todas as consequencias disso.

Estou super confusa e angustiada, preciso de um conselho, uma luz, alguma coisa q me ajude a decidir o que fazer....

Obrigada.....

8957 – Lu: Putz, Tati, taí uma decisão que realmente ninguém pode te ajudar a tomar. O que você tem que fazer é olhar bem para você mesma e descobrir o que você dá conta ou não. Ter um filho realmente é muito trabalhoso, vai ocupar sua vida por inteiro, pelo menos durante alguns anos. Mas a verdade é que quase todo mundo acaba dando um jeito, arranjando uma solução e se apaixonando pela cria, então, se a opção for essa, pode ter certeza que vai ser difícil, mas que no final as coisas acabam se ajeitando mesmo. Agora, não ter depende muito dos seus próprios valores. Se você é tranqüila com relação a isso, pode ser uma opção, mas se você tem dúvidas, se tem grilos, tem que entender se vai dar conta ou se vai passar a vida remoendo o que fez e se culpando, porque aí a solução pode acabar sendo pior que o problema. Um conselho que te dou é, caso a opção seja pelo aborto, não fique propagando isso para qualquer um. Não se esqueça que vivemos no maior país católico do mundo, e as pessoas às vezes são bem agressivas na defesa dos seus próprios valores. É melhor você se preservar. Boa sorte, e muita tranqüilidade aí para você neste momento.

9021 – Andréa: Seguinte gente,

Nao se trata de cagar(regras), de ser moralista, nem nada disso. E so bom senso. Abortar nada mais e que um eufemismo para matar a crianca. Mesma coisa, certo ? Me corrijam se eu estiver errada. Quem vai abortar vai matar a crianca, ou nao ? A vida ta difícil ? Ooo se ta ! Tudo caro, criar filho custa grana. Amor nao compra fralda ? Compra nao. Mas gente, sera que ninguem sabia que era daquele jeito la que

vinha nene ?Pensava o que ? Que era a cegonha mesmo que trazia ? Na hora de virar o zoinho ninguem lembra nada disso ne ? Nao lembra que ta desempregado, que nao e o momento ideal, etc e tal. Agora que o PROBLEMA ta ai, facil, mete a faca nele, se livra dele. Ah sim, a camisinha furou, a pilula falhou..claro, claro. Eu nunca vi pais igual a esse pra acontecer essas zebras. Olha eu vou falar uma coisa, eu fico decepcionada em ouvir esse tipo apoio (siga seu coracao, decida, mate) de gente que frequenta um site como o Mothern. Isso e porque e um site de maes, que fala de maternidade. Faco ideia se nao fosse.... E como ja disse alguem, a mulher tem todo o direito de decidir quando ter um filho. Concordo plenamente. Para isso e que e la na farmacia ta cheio de camisinha, pilula. Tem DIU e mais 200 coisas. Mas eu acho que depois que a crianca ja ta la, minha nega, ja era, Ines e morta. Tem mais e que botar forca na peruca (como dizem aqui) e ver a melhor forma de tocar o barco e nao covardemente se desfazer de um inocente que nao tem culpa de nada.E so pra encerrar o assunto da minha parte, como disse la no outro post. Esse feto mesmo que ainda seja migalha, ja e pao. Cade a galera que tambem e contra matar crianca ???

9045 – Duda: vem cá, Sou só eu que reparei que as meninas ofendidas todas são desconhecidas e anônimas? Proponho que as costumeiras frequentadoras aqui do LV não alimentem mais a discussão.Vamos falar do que interessa.

9052 – Andréa: E isso mesmo Duda e costumeiras frequentadoras, falem do que lhes interessa. O negocio aqui e muito bao, sabe, mas desde que voce nao contrarie a fina nata. Voce concordando, ta tudo otimo. Sabe o que ? Um grande blefe !

9057 – Soraia: Sexo, minha gente, deveria ser praticado apenas por pessoas responsaveis pelas suas consequencias, como gravidez por exemplo. Tenham 15 ou 35 anos. Na hora do oba oba, do nao para, nao para, essa possibilidade e descartada. Depois, qualquer coisa,e so decidir por um aborto basico ? Facil, pratico e moderno isso. Muito dedo no olho dessa gente de merda.

9061 – Lu: Peraí, gente! Vamos tentar manter o debate no nível elevado que ele estava. Primeiro uma coisa tem que ficar clara: não existem pessoas “a favor do aborto”. Aborto é sempre uma opção de emergência, traumática, numa situação limite, de sofrimento e desespero. (...) Cada um sabe do que dá conta, e a interrupção da gravidez é um recurso que aparece deste os primórdios da civilização humana, aparece entre índios, entre tribos isoladas. Não tem nada de moderno nisso. A discussão sobre ser ou não “assassinato” é que é mais recente. E até hoje ninguém tem uma posição definitiva sobre onde começa a vida ou não, onde o embrião passa a ser uma criança ou não. Tanto é que acho que ninguém aqui é tão careta a ponto de condenar o DIU, que é um método anticoncepcional que atua APÓS a fecundação. Também quase ninguém condena o trabalho de clínicas de inseminação artificial, e, na reprodução assistida, vários óvulos são fecundados para os médicos implantarem alguns e eliminarem outros. (...) Cada caso é um caso. (...) Não vamos dificultar ainda mais quem está sofrendo com isso, tentando pressioná-la com argumentos que só têm relevância para quem compartilha as mesmas crenças. Quero deixar bem claro que, assim como eu estou fazendo, todo mundo tem o direito de se expressar aqui(...) Então vamos esfriar a cabeça, sim, e voltar a conversar como gente grande. Um beijo. Continuo orgulhosa deste espaço.

Entre as frequentadoras, a questão específica perdeu a relevância e ganhou densidade de questão metafísica, as opiniões se dividiram entre ‘contra’ e ‘a favor’ da vida. O episódio culminou com a saída voluntária das duas frequentadoras que condensaram a posição anti-aborto. Cabe ressaltar nesse episódio, que a retirada destas

participantes começa a se desenhar com o comentário irônico de Duda, que as denomina “anônimas” e “desconhecidas”, opondo-as à categoria “costumeiras freqüentadoras” a quem prescreve um boicote – forma bastante freqüente de exclusão na rede. Assim procedendo, adscrive um território simbólico de pertença legítimo naquele ambiente, excluindo as oponentes. A réplica instantânea, sarcástica e ofensiva de Soraia anuncia o iminente abandono do ambiente, mas não da questão. O ambiente é que passa a ser desqualificado: um sítio sobre a maternidade no qual se defende o aborto, segundo ela, é “um grande blefe”. Cabe destacar que o conflito sobre essa questão gerou mais de 150 comentários no período de dois dias, evidenciando o potencial explosivo dessa questão feminina e a demanda por um espaço de negociação entre posicionamentos díspares e mesmo contraditórios.

c) teorização informal da feminilidade

A considerar o processo dinâmico de atualização da cultura feminina, como tratado acima, no contexto interacional do *weblog* observado, é interessante notar o caráter “enciclopédico” dos tópicos de interesse tratados por essas mulheres. Essas mães jovens parecem repensar a maternidade através de um movimento interacional que oscila entre o jogo lúdico e descomprometido da sociabilidade e a discussão de assuntos polêmicos sobre práticas femininas. Reflexivas, pensam sua própria condição. Realiza-se ali uma espécie de teorização informal que visa negociar definições contemporâneas sobre o conceito de feminilidade, que pode ser extraída desse foro de debate, entendido aqui como espaço público mediático. Em torno das questões em debate, diversas posições acerca de uma definição social do que seja a feminilidade hoje. O saber social relativo à feminilidade/maternidade reflete uma perene tensão entre permanência e mudança. Como mães, o que manter e o que mudar da educação recebida na relação com as/os filhas/os?

Apresento a seguir um trecho em que uma freqüentadora coloca em questão a discrepância entre o discurso condenatório sobre a sexualização precoce promovido pelos *media* – senso comum – e práticas que reiteram esse processo no cotidiano. Ela, então, se propõe a repensar posturas pedagógicas frente ao desenvolvimento infantil:

*887 – Gabi: Agora pra tentar botar um pouco de lenha na fogueira desse dia parado, uma coisa que rolou outro dia e me fez pensar:
Estava eu comentando de uma festinha que fomos com a Bia, e da cena engraçada de um amiguinho da creche que reconheceu ela de longe e veio dar um abraço daqueles*

'de urso'. A mãe dele ficou meio aflita porque o garoto é bem maior que a Bia e estava quase amassando a pequena, mas ela ficou lá calmissima, achando tudo normal. Bom, aí minha mãe ouve a história e diz pra Bia: "Ai, já arrumou um namoradinho, hein?". Gente, estamos falando de um 'casal' que nem completou 2 anos de idade! Tá, eu não vou dizer que achei a frase a coisa mais grave do mundo nem nada, mas na hora fiquei pensando em como as pessoas vivem prontas pra levantar bandeiras contra a sexualização precoce, a mídia e essas coisas, mas ao mesmo tempo não se ligam nas formas sutis que elas mesmas arrumam para contribuir com a história toda. E não é só nesse papo de sexo, não. Tem toda uma série de outras mensagens 'subliminares' que às vezes eu reparo sobre a paranóia com o corpo perfeito, civilidade, submissão feminina, o papo da tolerância que a Liu levantou outro dia... Enfim. Todo mundo acha um absurdo e que tem que acabar e tal, mas na hora de educar as crianças no dia-a-dia, os exemplos saem truncados e ninguém nem se toca. Será que eu é que sou encanada demais, ou que o povo anda descuidado mesmo?

Embora a freqüentadora afirme não achar “a coisa mais grave do mundo” o comentário malicioso da mãe com relação ao abraço das duas crianças – brincadeira bastante comum – ela se propõe e convida as participantes do ambiente interacional do LV a repensar aquela atitude e a maneira com que esse tipo de brincadeira contribui para reforçar práticas tidas como indesejáveis no contexto social atual. Em uma atitude compreensiva, nota-se a tentativa da freqüentadora de alertar para a contradição existente entre sustentar explicitamente uma posição crítica com relação a algumas práticas e papéis sociais femininos ao mesmo tempo em que se reforçam e se atualizam tais práticas a partir da educação e ação com os/as filhos/as. Motivada pelo espanto em considerar um “‘casal’ que nem completou 2 anos de idade”, a freqüentadora elenca questões ainda hoje relevantes para uma emancipação feminina efetiva, como “sexualização precoce”, “paranóia com o corpo perfeito” e “submissão feminina”. Entretanto, embora a autora do comentário deixado no LV proponha a discussão de tais tópicos, ela mesma enquadra sua fala, tanto no princípio quanto no final do trecho, como um discurso não-sério, fala descomprometida própria da sociabilidade. No princípio ela diz que a intenção é “botar um pouco de lenha na fogueira”, um assunto para queimar na fogueira da interação; no final, em forma de pergunta, ela propõe uma enquete questionando se o tema é de fato relevante ou se seria exagero dela dar atenção ao ocorrido. Ao relativizar a importância do que ela propõe como pauta de assunto, fica claro o ambiente de sociabilidade ali estabelecido, onde se pratica uma teorização informal sobre as questões femininas, um repensar hábitos, práticas e costumes da sociedade, mas que não visa conseqüências de transformação de ação política.

Outro ponto relevante em pauta nesse ambiente consiste na difícil conciliação entre a carreira profissional e as demandas do cotidiano materno. Enquanto as

gerações anteriores utilizavam a manutenção da atividade profissional como forma de ocupação de um território masculino e conseqüentemente de emancipação feminina, para a geração atual, da qual o grupo em exame é um exemplo, parece ser mais importante repensar e reformar as condições de tal atividade em sincronia com a atividade materna.

224 – Jujú: Meninas,

Vale a pena ler a entrevista da advogada, escritora e feminista Rosiska de Oliveira na IstoÉ desta semana. Ela fala sobre a condição das mulheres "liberadas" sem tempo para os filhos, para a família. (...) Entre outras coisas, ela defende a reengenharia do tempo, principalmente nas escolas.

"A jornada de oito horas é completamente anacrônica numa era virtual. As mulheres precisam denunciar que estão sendo exploradas".

Uau! Finalmente alguém resolveu falar alguma coisa. Eu acho que a gente podia fazer um movimento tipo "o novo feminismo" discutindo o papel da mulher na sociedade. Não dá gente! Toda vez que penso em ter filhos eu desisto. Para mim, criar um ser humano não é deixá-lo com a babá e trabalhar 10 horas por dia. (...) Outra coisa que fiquei chocada. Uma repórter teve que pedir para o marido trazer o filho dela na redação para o coitadinho mamar. Ah não, gente! Assim não quero! Só para esclarecer, sábado teve convenção do PSDB e do PMDB e eu ralei como uma condenada. Eu e todos os jornalistas de Brasília, inclusive as mães.

Beijos grandes! Jujú

Aqui, pode-se destacar uma proposta radical de conciliação: optar por não ter filhos, ou mudar as condições de trabalho para a viabilização desse projeto. Entendendo a atividade profissional como prioritária – em momento algum a freqüentadora cogita afastar-se do trabalho – marca-se aqui uma posição a favor de uma maternidade participativa, que demandaria uma “reengenharia do tempo”. Assim, uma síntese da proposta seria o estabelecimento de um “novo feminismo”, em que as atividades profissional e materna estivessem igualmente priorizadas, e que encontra espaço de acolhimento naquele ambiente interacional.

Considerações finais

Walter Ong (2003) dedicou seu último artigo publicado, antes de sua morte em 2003, a uma reflexão sobre a alteração da consciência a ser operada nos seres humanos a partir da entrada em cena do horizonte comunicacional aberto pela atividade *on-line*. A considerar a crescente expansão do processamento eletrônico, o autor demonstra seu assombro diante da concepção de um tempo em que o mundo interior da consciência e o mundo exterior passam a ser (virtualmente) um só (Ong, 2003, p. 44). Sob a suspeita de

que esse é o mundo que se estabelece para o futuro inteiro da existência, Ong parece atentar para as conseqüências desse estado de coisas na própria consciência humana, como quando da entrada da cultura escrita na cultura oral, da cultura impressa na cultura escrita e agora, da cibercultura na cultura impressa/audiovisual.

Os processos de enunciação dos ambientes mediáticos operam no interior do contexto sócio-cultural que os cerca. Eles são parte de processos maiores de âmbito histórico, a que Foucault (1986) denomina “formação discursiva”, um sistema complexo de condições sócio-históricas de produção dos discursos. Nesse sentido, os enunciados acerca da feminilidade encontrados no material discursivo sob investigação dizem de um feminino específico de um tempo e de um contexto – uma feminilidade moderna considerando o nosso momento histórico, o que aponta para o caráter processual desta definição.

O tema da maternidade como tópico de interesse para fins de sociabilidade parece não encontrar espaço no contexto social feminino contemporâneo sem que seja entendido como assunto desinteressante ou pejorativamente “feminino”. Nesse sentido, a tecnologia da Internet permitiu que algumas das mulheres que já lidavam com computadores em suas atividades profissionais e/ou quotidianas, utilizassem-na para criar *weblogs* temáticos, voltados exclusivamente para tais assuntos “femininos”, entretanto livres dessa conotação pejorativa. Nesse contexto, são travadas negociações de sentidos em torno da constituição dos papéis de gênero no que tange a prática da feminilidade, como visto acima. A interatividade e o recurso de utilização da hipertextualidade característica dos *weblogs* proporcionam a formação de uma listagem de indicação de *links* constituída a partir dos interesses temáticos do grupo, que gera uma rede de interações comunicativas e circulação de saberes específicos por essa via, cujo princípio formativo aponta para direções ainda obscuras. Desta forma, amplia-se a oferta de sentidos acerca das representações do “feminino” no campo dos *media*, trazendo novas expressões ao já intrincado e complexo campo simbólico das representações mediáticas sobre a mulher.

Assim, a dinâmica interacional da entrada em cena de novas participantes revela aspectos da lógica simbólica que organiza este espaço, uma espécie de protocolo tácito, mas que regula e organiza a interação naquele ambiente, faceta importante da apropriação peculiar da base tecnológica do *medium*. Os conflitos que surgem ali evidenciam pontos de tensão entre os saberes e posições em jogo, eventualmente desnudando contradições e diferenças irreduzíveis. Como uma espécie de modalidade

discursiva de fundo, o estudo dos discursos ali produzidos aponta para a produção de uma espécie de teorização informal da feminilidade contemporânea, negociada entre as participantes sob a égide da sociabilidade digital.

Considerando a potencialidade da ambiência proporcionada pela Internet como campo simbólico de oferta e permuta de sentidos, a teorização informal ocorrente nesse espaço de sociabilidade pode ser entendida como a realização de uma rearticulação contemporânea de significados acerca da feminilidade, nesta sua talvez mais atávica dimensão: a maternidade. Retomando aqui a questão de Simmel sobre a peculiaridade do movimento feminino, diria que ainda é cedo para dizer se essa inserção social é original ou repetitiva. Entretanto, posições de dissenso se organizam e disseminam, propondo modos alternativos de pensar a mulher e sua condição.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, M. I. M., *Maternidade: um destino inevitável?*
Rio de Janeiro, Campus, 1987.
- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno.*
Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- BECK, Ulrich. “A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva”. In:
BECK, U. *Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna.*
São Paulo, Editora UNESP, 1997.
- BRAGA, Adriana. *Corpo-Verão: estratégias discursivas e agendamento corporal na
imprensa feminina.* Dissertação (mestrado) em Ciências da Comunicação. São
Leopoldo, PPGCC/Unisinos, 2003.
- BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa Feminina*
São Paulo: Editora Ática, 1990.
- CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa “Análise crítica do discurso: a representação
de gênero na imprensa escrita: a pesquisa” in: *the ESPECIALIST*, vol.15, nº 1e2, 113-
119. São Paulo, 1994.
- DUMONT, Louis. *O Individualismo.*
Rio de Janeiro, Rocco, 1985.
- ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*
Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1994.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir.*
Petrópolis, Vozes, 1983.
- _____. *Arqueologia do Saber.*
Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1986.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas.*
Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.
- GIDDENS, Anthony. “A vida em uma sociedade pós-tradicional”. In: BECK, U. *Modernização
Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna.* São Paulo, Editora
UNESP, 1997.
- _____. *Modernidade e Identidade.*
Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2002.
- GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*
Petrópolis, Vozes, 1998.
- GOLDMANN, Lucien. *A Criação Cultural na Sociedade Moderna.*
São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972.

- HUIZINGA, Johann. *Homo Ludens – o jogo como elemento da cultura*. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo, Cultrix, 1969.
- LOGAN, Robert. “The Five Ages of Communication”. In: *Explorations in Media Ecology* (1/1) pp. 13-20. New Jersey, Hampton Press, 2002.
- MILLER, Hugh. “The Presentation of Self in Electronic Life: Goffman on the Internet”. Paper presented at Embodied Knowledge and Virtual Space Conference. University of London, 1995.
- ONG, Walter. “Ecology and Some of its Future”. In: *Explorations in Media Ecology* (1/1) pp. 5-11. New Jersey, Hampton Press, 2002.
- _____. “Oralism to Online Thinking”. In: *Explorations in Media Ecology* (2/1) pp. 43-45. New Jersey, Hampton Press, 2003.
- ORTNER, Sherry. “Is Female to Male as Nature Is to Culture?” in: ROSALDO, M. and LAMPHERE, L. (eds.) *Woman, Culture and Society*. Stanford, Stanford University Press, 1974.
- SIMMEL, Georg. *Sociologia*. São Paulo, Ática, 1983.
- _____. *Filosofia do Amor*. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- STRATE, Lance. “The cell phone as environment”. In: *Explorations in Media Ecology* (2/1). New Jersey, Hampton Press, 2003.
- TURKLE, Sherry. *A vida no ecrã: a identidade na era da internet*. Lisboa, Relógio D’Água Editores, 1997.
- WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.